

Veredas

Metáfora na Linguagem e no Pensamento

2/2011

Construção apositiva e recategorização metafórica

Márcia Teixeira Nogueira (UFC)

RESUMO: A construção apositiva tem a propriedade de estabelecer equivalência referencial no discurso. Por isso, a aposição pode ser um expediente textual-discursivo de recategorização metafórica, revelando opiniões e atitudes. Com base em Lakoff; Johnson (1980) e Grady (1997, 1999), este trabalho analisa recategorizações metafóricas em construções apositivas em discursos oratórios do português brasileiro contemporâneo. Percebemos que as metáforas cognitivas subjacentes às expressões metafóricas analisadas são as mesmas que licenciam expressões metafóricas da linguagem cotidiana. Tal resultado é uma evidência de que a metáfora organiza o pensamento e assim fornece orientação argumentativa ao discurso.

Palavras-chave: aposição; metáfora; recategorização.

Introdução

A tentativa de se estabelecerem limites conceituais e formais mais precisos para uma construção apositiva encontra obstáculos na natureza indeterminada do próprio processo sintático de aposição. Com efeito, as variadas construções apontadas como apositivas não podem ser agrupadas como tais, segundo um único critério. Surgem daí as dificuldades para abrigá-las em uma única categoria completamente diferenciada, sem os problemas de indeterminação de fronteiras apontados com outras construções na língua resultantes dos processos de coordenação e de subordinação.

Podemos concordar com a idéia de que, na aposição, há um tipo de construção paradigmático, caracterizado pela relação de equivalência semântica e formal entre os

elementos apositivos, e outros tipos que, com o paradigmático, assemelham-se, mas que também dele se distanciam, aproximando-se de outras construções.

De um modo geral, associa-se à construção apositiva a propriedade de se estabelecer equivalência referencial e/ou semântica *no discurso*. Nas palavras de Martinez (1985, p.455) isso significa dizer que, independentemente da realidade constatada, uma expressão apositiva representa uma recategorização de um referente já designado na primeira unidade da construção.

...la correferência expresada por la aposición es un valor de contenido realizable, al margen de que le corresponda o no una realidad constatada: tan aposición es Vitigudino, la capital de España (El satélite de la tierra, Vitigudino) como Valladolid, capital de España, o La capital de España, Madrid, aunque sólo ésta se correponda con una realidad actual. (MARTINEZ, 1985, p. 455)

Em virtude dessa propriedade da construção, temos assumido que a aposição constitui um importante expediente por meio do qual a identidade de um objeto de discurso pode ser construída segundo diferentes perspectivas, de acordo com diferentes propósitos enunciativos, de natureza estritamente referencial (atribuição de referência), ou argumentativos, estéticos (NOGUEIRA, 1999).

Se, nas recategorizações dos referentes discursivos em geral, o falante/autor tem a liberdade para escolher a melhor expressão referencial de acordo com seus propósitos, no caso das recategorizações em construções apositivas, essa liberdade parece ser ainda maior, visto que o referente discursivo é identificado no segmento imediatamente anterior. Observamos, sobretudo em gêneros com forte apelo retórico, construções apositivas que se estabelecem por meio de relações metafóricas em que a segunda unidade tem, claramente, um objetivo argumentativo, ao revelar opiniões, crenças e atitudes de quem constrói o texto, a respeito do referente do discurso. Podem, todavia, ter a função de conceptualizar domínios mais complexos e abstratos em termos de domínios concretos e mais próximos das experiências físicas e culturais, necessidade que também é constitutiva de expressões triviais, usadas na linguagem cotidiana.

O propósito do presente artigo é analisar procedimentos metafóricos nas recategorizações dos referentes em construções apositivas identificadas em textos oratórios, recolhidos do Banco de Dados de Língua Escrita Contemporânea no Brasil, da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP de Araraquara-SP. Procuramos mostrar que, mesmo expressões metafóricas construídas com o propósito de adorno dos discursos, que conferem, aos oradores, o reconhecimento social desejado, são licenciadas por metáforas conceituais das mais universais, que constituem o fundamento cognitivo da linguagem cotidiana, e não apenas um ornamento retórico próprio da linguagem extraordinária.

1. Construção apositiva e referenciação

Como já dissemos, está associada à construção apositiva prototípica a noção de equivalência referencial e/ou semântica entre as unidades da construção. Por apresentar essa propriedade, a aposição pode ser investigada com relação a funções textual-discursivas que ela cumpre em estratégias textualizadoras como a referenciação e a reformulação.

Cumprir destacar que é preferível, em vez de *correferência*, que se fale em *referenciação a um mesmo objeto de discurso* entre as unidades apositivas. Em Nogueira

(1999), observamos que a natureza centrípeta da aposição, isto é, seu caráter de relação de elaboração, de retomada de um elemento já introduzido, para fornecer-lhe uma caracterização, para especificá-lo mais detalhadamente ou reformulá-lo de algum modo, assenta-se sobre o que, nos termos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p.266), consistiria em um *efeito de correferência*, de *estabilidade referencial*. Com base nesses autores, assumimos que tal efeito, nos processos de referenciação em geral e na aposição em particular, resulta mais dos investimentos interpretativos do que das transformações sofridas ou não, concreta ou semioticamente, pelo referente discursivo.

Quando, por exemplo, entre a primeira e a segunda unidade apositiva, se mantém essa estabilidade referencial, mas não uma relação de sinonímia, a reformulação manifesta-se como uma paráfrase referencial (FUCHS, 1982)¹ ou *reorientação* (MEYER, 1992). Nesse tipo de paráfrase, mantém-se uma unicidade referencial entre os elementos apositivos, e o segundo elemento pode ser visto como uma anáfora em relação ao primeiro. O objetivo é, então, reapresentar o referente do primeiro item de uma perspectiva diferente, não apenas para evocar alguma característica que favoreça a sua identificação pelo interlocutor, mas também para recategorizá-lo por meio do aporte de informações novas.

Por meio desse expediente da aposição, é enriquecida a bagagem de conhecimentos que constrói, na memória discursiva do interlocutor, a identidade de um objeto de discurso.

No emprego de expressões apositivas anafóricas, é maior ainda a liberdade para as escolhas lexicais inovadoras e para as estratégias persuasivas, uma vez que o referente, em geral, já está identificado e denominado no modelo de mundo construído pelo discurso. Desse modo, tal expressão não cumpriria apenas o propósito estritamente referencial de rastreamento ou localização de referentes discursivos, mas ainda o de modificá-lo por meio de recategorizações lexicais, ajustando-se o conhecimento disponível a respeito do objeto de discurso segundo os propósitos estético-argumentativos do autor. Trata-se, portanto, de uma dupla operação: a referência propriamente dita e o aporte de uma informação nova sobre o objeto de discurso, que pode eventualmente desencadear uma reinterpretação.

2. Metáfora e cognição

Lakoff; Johnson (1980) assumem, pioneiramente, que a metáfora é um processo cognitivo constitutivo da linguagem cotidiana e não apenas um ornamento retórico próprio da linguagem extraordinária. Conforme os autores, o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido, ou seja, é constitutivamente metafórico por natureza. Desse modo, as metáforas conceituais estão presentes na trivialidade da vida cotidiana, governam nosso pensamento, sem relação necessária com a excelência intelectual ou literária.

A essência da metáfora, de um modo geral, é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Por meio de uma metáfora conceitual, podemos conceptualizar um domínio mais abstrato em termos de outro mais concreto e mais próximo física e culturalmente. Os princípios gerais da metáfora como processo cognitivo podem ser resumidos nos seguintes elementos:

- a) experiência de base física e cultural;
- b) domínio-fonte, a partir do qual construímos inferências (mais concreto);
- c) domínio-alvo, a que se aplicam as inferências construídas (mais abstrato);

¹ Fuchs (1982, p.57-72) discute os seguintes tipos de paráfrases conforme o seu semantismo: paráfrase linguística (sentido linguístico), paráfrase referencial (significação referencial), paráfrase pragmática (valores pragmáticos: ilocucionários, perlocucionários e valores não-literais).

d) mapeamento estruturado ou correspondências sistemáticas entre esses dois domínios;

e) expressões linguísticas metafóricas licenciadas pela metáfora conceitual, isto é, expressões que representam a codificação linguística da metáfora conceitual.

Ao fornecerem as bases para uma abordagem cognitiva da metáfora, chamando a atenção para a sua natureza experiencial e, portanto, organizadora do pensamento e da linguagem, Lakoff; Johnson (1980) distinguem as metáforas *ontológicas*, *orientacionais* e *estruturais*.

As metáforas *ontológicas* resultam da nossa experiência com objetos físicos (em particular, com nosso corpo) para a conceptualização de eventos, atividades, emoções, ideias como entidades (animadas ou não; humanas ou não). A representação de conceitos por meio de metáforas ontológicas baseia-se na percepção da delimitação física dos objetos, o que serve de domínio fonte para a delimitação de eventos, emoções e ideias. A metáfora ontológica INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE é a base cognitiva de expressões como *O país conseguiu dominar o monstro da inflação*.

As metáforas *orientacionais* não se estabelecem entre dois conceitos, mas entre os modos de organização de dois sistemas de conceitos. São metáforas de orientação espacial derivadas de experiências com o próprio corpo em atividades cotidianas (cima/baixo; dentro/fora; frente/trás; fundo/raso etc), tal como temos em FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO, que licenciam, respectivamente, expressões como *Ela acordou desanimada, pra baixo; O elogio recebido a deixou pra cima*.

Já as metáforas *estruturais* são metáforas que nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara, para estruturar outro a partir de correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência, como em DISCUSSÃO É GUERRA, que licencia expressões como em *José ganhou a discussão. Ele contra-atacou com argumentos fortes*.

A teoria da metáfora conceitual foi refinada por Grady (1997, 1999), sobretudo no que concerne ao entendimento dos domínios fonte e alvo da metáfora. Assim, se esses domínios eram vistos como muito semelhantes em termos de estrutura (ambos têm esquema de imagem) e a diferença entre eles era estabelecida em termos de familiaridade, complexidade, consciência e abstração, de acordo com Grady, esses domínios são de natureza diferente pelo fato de que o domínio de origem é definido pelo conteúdo sensorial, enquanto o domínio de destino consiste numa resposta a esta entrada sensorial (LIMA, 2006, p.111).

Grady (1997, 1999) distingue dois tipos de metáforas: as *correlacionais*, também chamadas de *metáforas primárias*; e as *não-correlacionais* ou *de semelhança*.

As metáforas *correlacionais (primárias)* originam-se de experiências recorrentes. Tais metáforas apresentam natureza mais delimitada e assimétrica, ou seja, podemos dizer que existe uma unidirecionalidade entre os domínios fonte e alvo. Além disso, os conceitos envolvidos nas metáforas primárias são de tipos diferentes, que surgem de cenas primárias e suas correlações. A fonte tem conteúdo relacionado à percepção física ou sensorial, enquanto o alvo consiste em conteúdo mais abstrato, uma resposta de natureza cognitiva. A metáfora MAIS É PARA CIMA (que licencia, por exemplo, a expressão *uma pilha em Tenho uma pilha de coisas pra fazer*) é um exemplo de metáfora primária.

As metáforas *não-correlacionais* (ou *de semelhança*) fundamentam-se na percepção de semelhança entre conceitos. São simétricas, ou seja, não são unidirecionais. As metáforas não-correlacionais envolvem conceitos do mesmo tipo e apresentam natureza relativamente não delimitada. Um exemplo de metáfora não-correlacional é PESSOAS SÃO ANIMAIS (como no clássico exemplo *Ulisses é um leão*).

3. Uma análise da recategorização metafórica nas construções apositivas em textos oratórios

Esta análise utilizou uma amostra com doze textos obtidos do Banco de Dados de Língua Escrita Contemporânea no Brasil, da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP de Araraquara-SP. Os textos, abrigados sob o rótulo de *literatura oratória*, consistem de discursos políticos, sermões e discursos proferidos na Academia Brasileira de Letras.

Com relação às estruturas discursivas, os textos de literatura oratória são predominantemente expositivo-argumentativos. Um texto com estrutura expositivo-argumentativa apresenta as seguintes características: a unidade semântica é a proposição; as construções sintáticas são mais complexas (subordinação); os verbos são usados em formas não-perfectivas e são frequentes as construções hipotéticas. Há, nos textos examinados, algumas passagens com estrutura tipicamente narrativa, mas, nesses casos, a narração estará servindo ao propósito mais importante que é o de persuasão.

Por serem previamente escritos, os textos oratórios exibem uma elaborada estruturação textual, o que os diferencia da rarefação informacional das conversações. Como são endereçados a uma audiência que estará fisicamente presente, eles se caracterizam pelo propósito de interação, e expressam conteúdos de caráter afetivo. Textos de oratória podem ser vistos como próximos do estilo literato por serem efetivamente produzidos em condições para um planejamento verbal. Por outro lado, assemelham-se ao estilo oral, pela existência de um maior envolvimento na relação entre interlocutores, envolvimento esse que deriva de seu propósito principal de persuasão.

Na Retórica, a perífrase é vista como uma figura bastante explorada pelos oradores, que selecionam expressões referenciais de acordo com propósitos relacionados não apenas à gestão da referência, mas a efeitos argumentativos e estéticos. Como sabemos, os textos oratórios são, em geral, o terreno da opinião, dos julgamentos, das impressões pessoais, e não da consideração objetiva dos assuntos em discussão. É bastante recorrente a utilização de expressões apositivas para a expressão das opiniões, crenças e atitudes dos oradores. Além disso, são frequentes, nos discursos oratórios, as recategorizações metafóricas e metonímicas das entidades discursivas.

A seguir, analisamos alguns trechos retirados dos discursos para ilustrar o emprego de recategorizações metafóricas em construções apositivas. Salientamos, todavia, que a compreensão do processo metafórico não se limita à construção apositiva em si mesma, nem à relação entre dois domínios conceptuais identificados na construção, não podendo a análise das construções apositivas metafóricas utilizadas em textos concretos prescindir de uma contextualização sociodiscursiva mais ampla.

Começamos analisando a seguinte ocorrência:

(1) Naquele sofredor em poesia, naquela urna de pranto literário, morava uma quermesse, um festival permanente (AM-OR)

Nesse trecho, a designação que consta na segunda unidade apositiva atribuída ao poeta, *urna de pranto literário* (que nos parece criativa, isto é, não estereotipada), licencia-se por uma metáfora primária das mais comuns: **HOMEM (CORPO/MENTE) É RECIPIENTE**. Esse tipo de metáfora está ligado à nossa experiência com o corpo como um recipiente, isto é, como um objeto delimitado, a partir do qual também estabelecemos orientações de **DENTRO-E-FORA**. O poeta é qualificado como recipiente (*urna*) em cujo interior há não somente pranto literário, mas também a alegria de uma quermesse. Assim, as emoções são tratadas,

nesse segmento metafórico, como entidades também delimitadas, que estão no interior desse recipiente, o poeta. A metáfora **HOMEM (CORPO/MENTE) É RECIPIENTE** é das mais universais e licencia muitas expressões corriqueiras em português, tais como:

- (2) Ele tem um super-herói dentro dele.
- (3) Deus e o Diabo vivem dentro dele.
- (4) Dentro de mim mora um anjo.
- (5) Acende o fogo em mim.
- (6) Colocar pra fora os ressentimentos.

A existência de expressões metafóricas “congeladas” ou criativas em discursos ordinários ou extraordinários, igualmente licenciadas por uma mesma metáfora primária subjacente fornece evidência do deslocamento da análise estritamente linguística das recategorizações metafóricas para o âmbito da cognição.

No trecho seguinte, temos mais uma ocorrência de expressão apositiva com recategorização metafórica.

(7) Convenci-me da minha vocação no Colégio Militar: dali, exatamente por conhecê-la, ingressei na Escola do Realengo, o degrau imediato da Carreira. Nela, depois de penar e vencer a provação dos famosos trotes, muito mais temidos pelos cadetes do que as sabatinas do curso, iria completar a minha formação básica de soldado. (TA-OR)

Nesse trecho, a expressão *o degrau imediato da Carreira* como designação alternativa à *Escola do Realengo* apresenta a experiência do curso de uma carreira do orador como a experiência física de subir uma escada, o que nos permite supor que tal designação encontra-se licenciada pela metáfora primária **MAIS É PARA CIMA**. As etapas que, sucessiva e progressivamente, constroem a carreira profissional do orador são como “degraus” de uma escada utilizada para a subida. Tal metáfora é também das mais comuns e encontra-se codificada em usos vernaculares como:

- (8) José cresceu na empresa.
- (9) O jovem deseja subir na profissão de bancário.
- (10) Ele subiu na vida contrabandeando bebidas.
- (11) Pedro não consegue alavancar a carreira.

Alguém poderia argumentar que uma escada se presta, sobretudo, à ação de subir, mas poderia referenciar, também, o ato de descer. Todavia, no contexto em que o discurso é proferido, tal metáfora parece estar conjugada a uma outra metáfora de natureza orientacional: **SUCESSO É PARA CIMA**. Desse modo, para uma interpretação discursiva da expressão metafórica, precisamos recorrer a um conjunto de informações, nem sempre explícitas, que se encontram correlacionadas no contexto e ajudam na construção dos sentidos.

Em (12), temos mais uma ocorrência de uma metáfora primária das mais comuns.

(12) As jovens nações hoje ainda subdesenvolvidas são as herdeiras e as vítimas dessas estruturas e desses despreparos governamentais, armas de que o colonialismo e o imperialismo serviram-se, não por mero acaso, para dificultar seu processo de emancipação e de auto-afirmação (AR-OR)

Nesse trecho, a expressão apositiva, *armas de que o colonialismo e o imperialismo serviram-se, não por mero acaso, para dificultar seu processo de emancipação e de auto-afirmação*, é utilizada como qualificação para *essas estruturas e esses despreparos governamentais*. Vimos que, mediante o uso de uma metáfora, podemos conceptualizar um domínio mais abstrato em termos de outro mais concreto e mais próximo física e culturalmente de nossa experiência. Com o emprego de um verbo que designa uma ação no mundo físico (*servir-se de*) associado à noção de meio ou instrumento atribuída a *essas estruturas e esses despreparos*, podemos supor que essa designação encontra-se licenciada pela metáfora QUALIDADE É OBJETO. Em outras palavras, um domínio-alvo abstrato (*o despreparo*) é apresentado em termos de um domínio-fonte concreto (*armas*, que podem ser concretamente manipuladas) e, desse modo, entendemos que o despreparo de alguém é como uma arma que pode ser utilizada por seu inimigo.

Algumas expressões muito usuais são igualmente licenciadas por esse tipo de metáfora que conceptualiza domínios abstratos (propriedades, sentimentos, faculdades) como objetos concretos de nossa experiência, tais como:

- (13) Você deveria usar a inteligência.
- (14) José usa seu carisma para conquistar adeptos.
- (15) Marta costuma manipular os sentimentos dos outros.
- (16) Não consegue fazer uso da razão quando está apaixonado.

Em (17), a seguir, temos mais uma ocorrência de expressão apositiva metafórica nos discursos oratórios analisados:

(17) (...) fortaleza das liberdades morais, ante cujos muros recuaram todas as insídias da violência (...) a escola representa a continuidade viva das nações (TA1-OR)

Em (17), uma expressão apositiva antecipa uma predicação feita a um referente discursivo que ainda será introduzido. Frequentemente, além de funcionar como atributo do referente designado pela expressão referencial que a segue, esse tipo de expressão apositiva, também apresenta um valor argumentativo encarecido pela relação lógico-semântica de *realce*, nos termos de Halliday (1985), em geral, de *motivo* ou *concessão*. Essa relação lógico-semântica não será tratada neste artigo, mas cumpre afirmar que esse tipo de construção tem função cognitiva relevante no estabelecimento e na manutenção dos referentes em uma contínua representação mental que o interlocutor faz do discurso corrente (MARSLEN-WILSON; TYLER, 1982). As construções apositivas são empregadas na construção argumentativa da identidade dos referentes discursivos que, nos termos de Apothéloz e

Reichler-Béguelin (1995), são objetos de discurso que não pré-existem “naturalmente” à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas, antes, são produtos dessa atividade.

Essa expressão apositiva metafórica (*fortaleza das liberdades morais*), ao ser topicalizada, não apenas contribui com a conceptualização do espaço institucional da escola a partir da noção de espaço físico delimitado, mas também fornece uma orientação argumentativa de natureza eufórica para a interpretação do segmento discursivo seguinte. Vemos que o orador apresenta a instituição escolar (*escola*) como uma fortaleza, um tipo de construção edificada para a proteção de bens e direitos. Nesse caso, parece-nos clara a utilização de uma metáfora de contenção, em que a experiência vivida em uma instituição escolar é conceptualizada em termos da sensação de proteção e aconchego que a experiência de estar em um espaço físico delimitado produz. Por essa delimitação, em que se tornam possíveis as orientações DENTRO-E-FORA, opõem-se *as liberdades morais* (DENTRO) e *as insídias da violência* (FORA).

Sem dúvida, essa metáfora permite uma conceptualização mais fácil para falar de um domínio menos delimitado como uma instituição, com organização complexa, relativa ao funcionamento da vida em sociedade, caracterizada por interesses, relações, regras, normas, experiências e práticas sociais dos indivíduos. A instituição escola é, então, apresentada como uma fortaleza, edificação que tem, nos seus muros, uma delimitação concreta constituída como uma forte barreira para proteger contra a ação de forças naturais do mundo sociofísico. Ao designar a escola como fortaleza, o autor também faz alusão aos seus “muros”, parte representativa desse bloqueio que protege os indivíduos *das insídias da violência*, que estariam para fora da instituição. Outros exemplos que representam esse tipo de metáfora encontram-se a seguir.

(18) Passou a se sentir de fora da família quando soube que era filho adotivo.

(19) É possível a salvação fora da Igreja?

(20) Há claras divergências dentro do partido.

A seguir, apontamos mais um exemplo de metáfora primária amplamente empregada na linguagem corrente, que também licencia designações linguísticas com claros propósitos estético-argumentativos.

(21) Razão cabia, portanto, a Paulo quando aos romanos dizia que nós todos, cristãos, somos as vergôntes do azambujo, os ramos da oliveira nova enxertados na oliveira antiga, isto é, na forte cepa judaica (NE-OR)

Segundo a proposta de Grady (1997), as metáforas primárias, envolvem uma ligação entre conceitos distintos que surgem de cenas primárias e suas correlações. Os conceitos fonte de metáforas primárias têm um conteúdo relacionado à percepção física ou à sensação. Na base da expressão metafórica utilizada, parece encontrar-se a metáfora ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA. Com efeito, as expressões linguísticas utilizadas representam o estabelecimento de uma correlação sistemática entre um grupo religioso ou familiar (ORGANIZAÇÃO) e a estrutura de uma árvore com seus ramos (ESTRUTURA FÍSICA).

Apenas para ilustrar esse tipo de metáfora, vejamos o trecho a seguir retirado de um texto disponível na Internet. Nele, o autor desenvolve o argumento de que uma família é como uma árvore.

(22) Nós, seres humanos, somos os galhos em ordem decrescente, os mais velhos são os galhos mais antigos, os mais jovens são os galhos mais novos. Quando envelhecemos, temos também muitos galhos que dependeram e dependem de nós, e os quais somos responsáveis por eles na cooperação com a subsistência e a acomodação psicológica. É pelo galho mais antigo que passam os alimentos para os mais jovens, atingindo folhas, flores, e frutos. É nesse entendimento de participação e compromisso que se mantém o ser humano filho da árvore fundamento da família. Os filhos têm compromisso de sangue uns com os outros, e são ligados biologicamente com a sua origem. Precisamos ter atitudes no sentido de compreender e sentir que somos dependentes uns dos outros, e os frutos têm origem e são reflexos das atitudes dos galhos mais antigos no contexto familiar. (OLIVEIRA, 2006)

Em (22), temos uma construção discursiva organizada pela utilização de várias expressões metafóricas inter-relacionadas, que são licenciadas pela metáfora superordenada ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA. Nesse caso, o texto desenvolve a metáfora FAMÍLIA É ÁRVORE e, no texto, se enuncia que *filhos são galhos; filhos mais velhos são galhos mais antigos, filhos mais jovens são galhos mais novos*. Verificamos, ainda, a utilização de itens lexicais que evocam os dois domínios (FAMÍLIA e ÁRVORE) em uma mesma frase, numa construção que pareceria estranha, não fosse a contextualização metafórica já apresentada: *Quando envelhecemos, temos também muitos galhos que dependeram e dependem de nós*. A interpretação desse enunciado depende, obviamente, do mapeamento metafórico já estabelecido no discurso.

Considerações finais

Assumimos, em Nogueira (1999), que, com o abandono de uma perspectiva realista de linguagem como representação de pessoas e coisas, em favor de uma concepção construtivista da referência linguística, a aposição pode ser vista como importante expediente por meio do qual um mesmo objeto pode ser apresentado segundo diferentes pontos de vista. As recategorizações metafóricas nas construções apositivas são licenciadas pela existência de metáforas conceituais que, como sabemos, estruturam nossa maneira de perceber, pensar e de agir. Neste breve estudo, podemos perceber que as metáforas cognitivas que estão na base das expressões apositivas que recategorizam metaforicamente os referentes em discursos tipicamente voltados para os efeitos retóricos e estéticos são, em geral, as mesmas que licenciam expressões prosaicas da linguagem cotidiana.

Do ponto de vista essencialmente cognitivo, utilizar uma metáfora, ou seja, conceptualizar uma coisa em termos de outra, permite-nos que tratemos de conceitos mais abstratos e complexos, como as ideias, as emoções, em termos de domínios mais concretos, mais delimitados e próximos da experiência física e cultural cotidiana. Dentro desse ponto de vista, a metáfora é concebida como mapeamento cognitivo entre domínios, e a expressão linguística metafórica, valorizada como figura de adorno em registros literários e oratórios, tem relevância secundária. Essa abordagem fica ainda mais realçada quando revelamos que as metáforas utilizadas nos discursos oratórios analisados têm a mesma base cognitiva de metáforas linguísticas corriqueiras, inconscientes e bastante convencionais no uso da língua, presentes em provérbios e demais expressões idiomáticas do português.

Por esse motivo, essas breves análises aqui desenvolvidas não representam uma retomada da concepção tradicional de metáfora como figura de adorno da linguagem. Sem

negar que esse também pode ser um propósito legítimo da utilização das expressões metafóricas, particularmente em contextos de uso retórico como o dos discursos aqui analisados, nosso propósito foi mostrar que, mesmo sendo linguisticamente criativas, tais expressões são licenciadas por metáforas que também se encontram subjacentes a expressões metafóricas amplamente utilizadas na linguagem cotidiana. Apresentamos uma evidência linguística de que, a par da diversificação dos contextos e propósitos, uma mesma relação cognitiva subjaz a diferentes expressões metafóricas e, com isso, reiteramos que a metáfora, mais do que uma figura de linguagem, organiza e orienta nosso pensamento e, conseqüentemente, o nosso discurso argumentativo.

Se a metáfora é concebida como mapeamento cognitivo entre domínios, e a construção apositiva tem a propriedade de estabelecer equivalência no discurso, a aposição pode, então, ser vista como uma codificação linguística de natureza sintático-semântica para esse mapeamento.

ABSTRACT: Appositive constructions have the property of establishing referential equivalence in discourse. Therefore, the apposition can be a textual and discourse strategy of metaphorical recategorization, revealing opinions and attitudes. This paper analyzes metaphorical recategorization on appositive constructions in oratory speeches of Brazilian Portuguese. We found that the cognitive metaphors underlying the metaphorical expressions analyzed are the same as those licensing metaphorical expressions in everyday language. This result is an evidence that metaphor organizes thought and thus provides guidance to argumentative discourse.

Keywords: apposition; metaphor; recategorization.

Referências

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. Construction de la référence et stratégies de désignation. *TRANEL* (Travaux neuchâtelois de linguistique), n. 23, 1995, p. 227-271.

FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: Presses universitaires de France, 1982.

GRADY, J. E. *Foundations of meanings: primary metaphors and primary scenes*. PhD dissertation. California: University of California, Berkeley, 1997.

_____. A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance. In: Steen, G. & Gibbs, R. (eds). *Metaphor in cognitive linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999, p. 79-100.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1980.

LIMA, Paula L. C. About primary metaphors. *DELTA*, São Paulo, vol. 22, p. 109-122, 2006.

MARTINEZ. Las construcciones apositivas en español. *Philologica Hispaniensia*, II, 1987, p. 453-467.

MARSLEN-WILSON, W. E.; LEVY, E.; TYLER, L. K. Producing Interpretable Discourse: the Establishment and Maintenance of Reference. In: JARVELLA, J.; KLEIN, W. *Speech, place and action*. John Wiley and Sons, 1992.

MEYER, C.F. *Apposition in contemporary english*. New York: Cambridge University Press, 1992.

NOGUEIRA, M. T. *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil*. 1999. 241f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 1999.

RECEBIDO EM 10/04/2011 – APROVADO EM 20/07/2011